

GAY TALESE

Honra teu pai

Tradução

Donaldson M. Garschagen

Posfácio

Pete Hamill

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1971, 1981, 2009 by Gay Talese

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução parcial ou integral, em qualquer formato.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Honor Thy Father

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Silvana Afram

Revisão

Huendel Viana

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Talese, Gay

Honra teu pai / Gay Talese ; tradução Donaldson M. Garscha-
gen ; posfácio Pete Hamill. — São Paulo : Companhia das Letras,
2011.

Título original: Honor thy father

ISBN 978-85-359-1803-8

1. Máfia – Estados Unidos 2. Máfia – Estados Unidos – História
I. Hamill, Pete II. Título.

10-13641

CDD-364.1060973

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Máfia : Crime organizado :
História 364.1060973

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

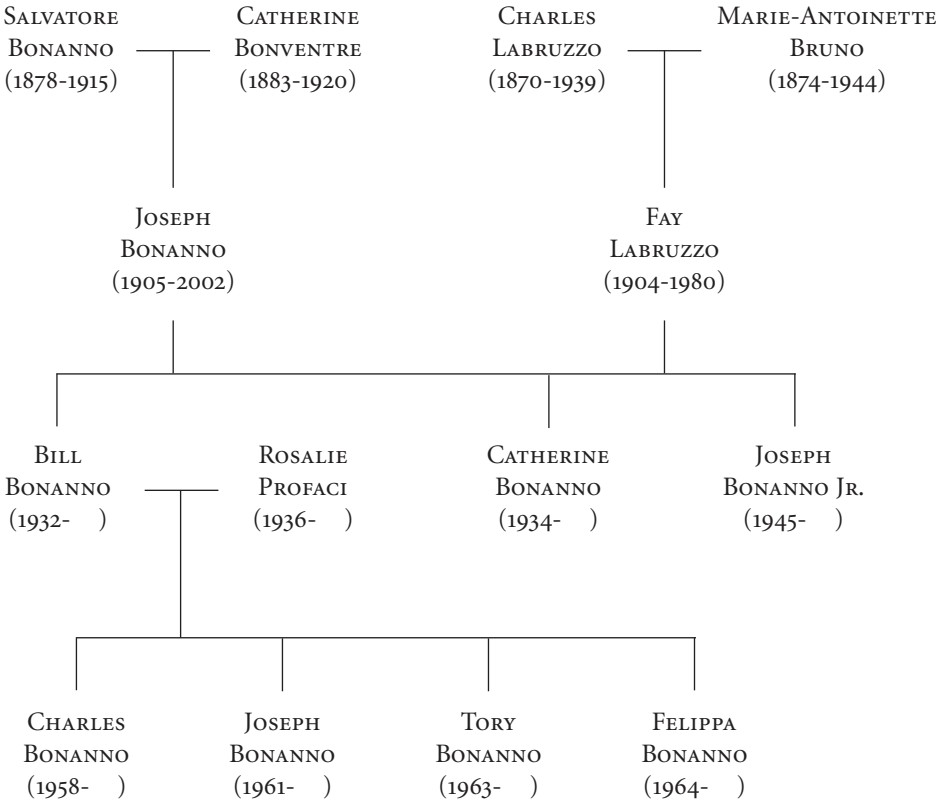
Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Glossário do autor	27
PARTE I – O DESAPARECIMENTO	33
PARTE II – A GUERRA	189
PARTE III – A FAMÍLIA	281
PARTE IV – O JULGAMENTO	387
Epílogo	475
Posfácio – <i>Pete Hamill</i>	505

BONANNO



Glossário do autor

JOSEPH BONANNO

Patriarca da família. Nascido em 1905 na cidade de Castellammare del Golfo, no oeste da Sicília. Quando estudante, em Palermo, aderiu ao grupo radical antifascista depois que Mussolini tomou o poder, em 1922. Fugiu da Sicília e chegou aos Estados Unidos na época da Lei Seca. Décadas depois, já milionário, Bonanno foi identificado pelo governo americano como um dos chefões da Máfia americana.

FAY BONANNO

Mulher de Joseph Bonanno. Nascida Fay Labruzzo, na Tunísia, de pais sicilianos, que mais tarde emigraram para os Estados Unidos e se radicaram no Brooklyn. Em 1931, casou-se com Joseph Bonanno.

SALVATORE (BILL) BONANNO

Filho mais velho de Joseph e Fay Bonanno, nascido em 1932.

CATHERINE BONANNO

Filha de Joseph e Fay Bonanno, nascida em 1934.

JOSEPH BONANNO JR.	Filho mais novo de Joseph e Fay Bonanno, nascido em 1945.
ROSALIE BONANNO	Mulher de Bill Bonanno, com quem se casou em 1956. Nascida Rosalie Profaci, em 1936; sobrinha de Joseph Profaci.
JOSEPH PROFACI	Milionário importador de azeite e massa de tomate. Chefe da organização no Brooklyn até sua morte por câncer, em 1962, manteve laços estreitos com a organização chefiada por Joseph Bonanno. Nascido em Villabate, Sicília, em 1897.
JOSEPH MAGLIOCCO	Sua irmã casou-se com Joseph Profaci; depois da morte deste, Magliocco, seu auxiliar de longa data, assumiu a liderança da organização Profaci. Morreu de um ataque cardíaco em dezembro de 1963.
JOSEPH COLOMBO	Sucessor de Magliocco; após a revolta dos irmãos Gallo, em 1960, negociou uma paz precária dentro da dividida organização Profaci, que nunca recuperou o poder de que desfrutara nas décadas de 1940 e 1950, quando era dirigida por Profaci. Em 1970, Colombo fundou a Liga Ítalo-Americana de Direitos Civis; em 1971, durante um comício da Liga, foi fuzilado por um negro que se fazia passar por fotógrafo.
STEFANO MAGADDINO	Chefe na área de Buffalo. Nascido em Castellammare del Golfo, era primo distante de Joseph Bonanno, mas tornou-se seu inimigo na década de 1960.
GASPAR DI GREGORIO	Cunhado de Magaddino, durante muitos anos foi um integrante leal da organização Bonanno; em 1964, decepcionado com a promoção de Bill Bonanno, de apenas 32 anos, na organização, liderou a rebelião interna

	que levou, em meados da década de 1960, à chamada Guerra dos Bananas. Magaddino, entre outros, apoiou a causa de Di Gregorio.
FRANK LABRUZZO	Irmão de Fay Bonanno e um leal capitão da organização Bonanno.
JOSEPH NOTARO	Capitão leal da organização Bonanno.
JOHN BONVENTRE	Primo de Joseph Bonanno e membro veterano da organização; na década de 1950, voltou para a Sicília. Em 1971, durante uma campanha do governo italiano contra a Máfia, foi citado como um dos líderes e exilado com outros acusados para uma pequena ilha na costa nordeste da Sicília.
FRANK GAROFALO	Capitão leal da organização Bonanno; na década de 1950, voltou para a Sicília, onde viveu tranquilamente até a morte por causas naturais.
PAUL SCIACCA	Membro da organização Bonanno; deixou-a em 1964, ligando-se à facção de Di Gregorio.
FRANK MARI	Membro da organização Bonanno, ligou-se a Di Gregorio e foi apontado como o principal pistoleiro contra os membros leais da organização Bonanno durante a Guerra dos Bananas, em meados da década de 1960.
PETER MAGADDINO	Primo de Stefano Magaddino, chefe em Buffalo. Deixou Buffalo e passou a apoiar Joseph Bonanno, seu amigo de infância na Sicília, na disputa com a facção de Di Gregorio.
SALVATORE MARANZANO	Chefe siciliano da velha guarda, oriundo de Castellammare del Golfo, amigo do pai de Joseph Bonanno. Em 1930, organizou um grupo de imigrantes de Castellammare no

Brooklyn para lutar contra a organização de Nova York chefiada por Joe Masseria, do sul da Itália, que desejava eliminar o clã siciliano. Essa rixa, conhecida como a Guerra Castellammarese, durou de 1928 até 1931 e é narrada no capítulo 12.

MÁFIA

Conhecida por vários nomes — mas nunca por Máfia — entre seus membros, é de origem antiga na Sicília. Nos Estados Unidos, organizou-se de forma empresarial moderna após o fim da Guerra Castellammarese, em 1931. Nessa ocasião, foi reestruturada numa fraternidade nacional com cerca de 5 mil homens, divididos entre 24 organizações separadas (“famílias”), localizadas nas principais cidades de todas as regiões dos Estados Unidos. Em Nova York, onde viviam cerca de 2 mil dos 5 mil membros, havia cinco “famílias”, cada uma liderada por um chefe, ou *don*. Em 1931, com 26 anos, Joseph Bonanno era o mais jovem chefe da fraternidade nacional.

A COMISSÃO

Dos 24 chefes, nove se revezam como membros da comissão, incumbida de manter a paz entre as “famílias”; todavia, não se espera que interfira nos assuntos internos de nenhum dos chefes. Vez por outra, porém, não resiste — como ocorreu no caso Bonanno em meados da década de 1960 — e a violência explode. Antes desse caso, contudo, os membros da comissão abafavam suas divergências e mantinham intacto o quadro de nove membros, que eram os seguintes:

JOSEPH BONANNO

Nova York.

JOSEPH PROFACI

VITO GENOVESE

Nova York.

Assumiu a liderança da família de Nova York antes chefiada por Lucky Luciano, que, condenado em 1936 a uma longa sentença de reclusão, foi deportado para a Itália em 1946. Frank Costello, que tentara tomar o poder na organização de Luciano, mudou de ideia quando uma bala passou de raspão por sua cabeça, em 1957.

THOMAS LUCCHESI

Nova York. Assumiu a liderança da organização chefiada por Gaetano Gagliano, que morreu de causas naturais em 1953.

CARLO GAMBINO

Nova York. Íntimo e consogro de Lucchese. Líder da organização antes chefiada por Albert Anastasia, fuzilado numa barbearia de Manhattan em 1957.

STEFANO MAGADDINO

Buffalo. Nascido em 1891 em Castellammare del Golfo, foi o decano da comissão.

ANGELO BRUNO

Chefe da organização centrada em Filadélfia.

SAM GIANCANA

Chefe da organização centrada em Chicago.

JOSEPH ZERILLI

Chefe da organização centrada em Detroit.

* * *

CRIME ORGANIZADO

É comum que os leitores de jornais julguem que a Máfia representa todo o crime organizado nos Estados Unidos; na verdade, ela é apenas uma pequena parte do crime organizado. Existem cerca de 5 mil mafiosos, divididos em 24 “famílias”, mas os investigadores federais acreditam na existência de mais de 100 mil gângsteres ligados ao crime organizado e envolvidos com loterias clandestinas, corretagem de jogos, agiotagem, narcóticos, lenocínio, sequestros,

extorsão, cobrança de dívidas e outras atividades. Essas quadrilhas, que às vezes colaboram com grupos da Máfia ou são totalmente independentes, compõem-se de judeus, irlandeses, negros e brancos americanos, latino-americanos e todos os grupos étnicos ou raciais existentes nos Estados Unidos.

Como a Máfia, constituída quase inteiramente de italianos da Sicília e do sul da Itália, tem sido mais coesa e fechada do ponto de vista étnico que a maioria dos outros grupos, sua influência e sua notoriedade nos círculos do crime organizado tornaram-se fortíssimas a partir da época da Lei Seca. Mas durante a década de 1960, à medida que os chefes da organização envelheciam e seus filhos perdiam o interesse ou a capacidade de substituí-los, encontrando melhores opções na sociedade americana convencional, a estrutura da Máfia passou a desintegrar-se, como ocorreu com as grandes quadrilhas de irlandeses do fim do século XIX e com as grandes quadrilhas de judeus da década de 1920 (das quais só sobrevive o grupo de Meyer Lansky). Na década de 1960, os negros e os latino-americanos começaram a dar sinais de que se transformariam numa força capaz de derubar os últimos vestígios do predomínio dos brancos nas quadrilhas dos guetos.

Este livro é um estudo da ascensão e da queda da organização Bonanno, uma história pessoal de progressão étnica e de tradições moribundas.

PARTE I

O DESAPARECIMENTO

1.

Os porteiros de Nova York sabem que uma pessoa pode ver demais e por isso a maioria deles adquiriu uma extraordinária capacidade de visão seletiva: sabem o que devem ver e o que ignorar, quando é conveniente ser bisbilhoteiro ou, ao contrário, displicente; se ocorrem acidentes ou discussões bem na frente de seus edifícios, a maior parte das vezes estão lá dentro e nada veem; e, quando ladrões fogem pelo saguão, quase sempre estão procurando um táxi para alguém. Um porteiro pode desaprovar suborno ou adultério, mas, ainda assim, está invariavelmente de costas quando o síndico passa uma propina ao fiscal do Corpo de Bombeiros, ou quando um morador cuja mulher está fora entra com uma moça no elevador. Não pretendo com isso acusar os porteiros de hipocrisia ou covardia, mas tão somente dar a entender que eles sabem perfeitamente, por instinto, que é bem melhor não se meter, e conjecturar que talvez eles tenham aprendido, pela experiência, que a pessoa não ganha nada por ser testemunha ocular das coisas feias da vida ou das loucuras da cidade. Sendo assim, não é de estranhar que na noite em que Joseph Bonanno, um dos chefes da Máfia em Nova York, foi agarrado por dois capangas diante de um luxuoso edifício de apartamentos na Park Avenue, perto da rua 36, pouco depois da meia-noite de uma chuvosa terça-feira de outubro, o porteiro estivesse conversando com o ascensorista no saguão e nada tivesse visto.

Tudo aconteceu com incrível rapidez. Voltando de um restaurante, Bonanno desceu de um táxi depois de seu advogado, William P. Maloney, que saiu correndo na frente, sob a chuva, para resguardar-se embaixo do toldo. Nesse momento, os pistoleiros surgiram da escuridão, puxando Bonanno pelos braços em direção a um automóvel. Bonanno tentou se livrar, mas não conseguiu. Encarou os homens, furioso e perplexo — desde o tempo da Lei Seca não era tratado com tanta brutalidade, e daquela vez quem o maltratara fora a polícia, porque ele se recusara a responder a certas perguntas. Desta vez estava sendo brutalizado por homens de seu próprio mundo, dois grandalhões de sobretudo e chapéu preto, um dos quais lhe disse: “Vamos, Joe, meu chefe quer ver você”.

Bonanno, um homem vistoso e grisalho, de 59 anos, nada respondeu. Saíra naquela noite sem guarda-costas e desarmado, e mesmo que a avenida estivesse cheia de gente não teria pedido socorro, pois considerava aquilo um assunto pessoal. Tentou recuperar a dignidade, pensar com clareza enquanto os homens o conduziam pela calçada, os braços já dormentes por causa da força com que os apertavam. Tremia sob a chuva fria e o vento, sentindo-a penetrar através do terno de seda cinza, e nada enxergava na neblina que tomava conta da Park Avenue, exceto as lanternas de seu táxi, que desaparecia na direção do Central Park, nem nada ouvia além da respiração ofegante dos homens que o puxavam. De repente, às suas costas, Bonanno escutou os passos rápidos e a voz de Maloney, que gritava: “Ei, que diabo está acontecendo?”.

Um dos pistoleiros virou-se e avisou: “Deixe para lá, volte!”.

“Vão embora”, respondeu Maloney, ainda correndo. Era um homem de sessenta anos, de cabelos brancos, e agitava os braços. “Ele é meu cliente!”

Uma bala de automática foi disparada para o chão, perto de Maloney. O advogado parou, recuou e por fim escondeu-se na entrada de seu edifício. Os homens empurraram Bonanno para dentro de um sedã bege estacionado na esquina da rua 36, com o motor ligado. Bonanno deitou-se no chão, como lhe havia sido ordenado, e o carro partiu em direção à avenida Lexington. Foi então que o porteiro foi ter com Maloney na calçada, chegando tarde demais para ver qualquer coisa. Posteriormente declarou que não tinha escutado tiro nenhum.

Bill Bonanno, um homem alto e corpulento de 31 anos, cujo cabelo escuro cortado à escovinha e a camisa de colarinho abotoado indicavam o universitário que ele fora na década de 1950, mas com um bigode recém-cultivado para ajudar a ocultar sua identidade, estava num apartamento escassamente mobiliado do Queens. Escutou com atenção a campainha do telefone. Mas não atendeu.

O telefone tocou mais três vezes, parou, tocou novamente e parou. Era o código de Labruzzo. Ele devia estar numa cabine telefônica, dando sinal de que retornara ao apartamento. Ao chegar ao edifício, Labruzzo repetiria o sinal na campainha do saguão e o jovem Bonanno apertaria outra campainha para soltar a tranca da porta. Depois Bonanno esperaria, de arma em punho, olhando pelo olho mágico para ter certeza de que era Labruzzo quem saía do elevador. O apartamento mobiliado que os dois homens dividiam ficava no último andar de um edifício de tijolinhos num bairro de classe média e, como a porta do apartamento dava para o fim do corredor, podiam observar todos os que entravam e saíam do único elevador, sem ascensorista.

Essas precauções estavam sendo tomadas não somente por Bill Bonanno e Frank Labruzzo, mas também por dezenas de outros membros da organização de Joseph Bonanno, que durante as últimas semanas vinham se escondendo em apartamentos semelhantes no Queens, no Brooklyn e no Bronx. Era uma época de tensão para todos eles. Sabiam que a qualquer momento poderia ocorrer um confronto com quadrilhas rivais, dispostas a matá-los, ou com agentes do governo, que desejavam prendê-los e interrogá-los a respeito dos boatos de vendetas e conspirações violentas que circulavam pelo mundo do crime. O governo havia concluído recentemente, em grande medida com base em informações obtidas através de telefones grampeados e dispositivos eletrônicos, que até mesmo os chefões da Máfia estavam envolvidos nessa dissensão interna, e que Joseph Bonanno, chefe poderoso havia trinta anos, era o pivô da controvérsia. Outros chefes suspeitavam que ele era demasiado ambicioso ou que desejava aumentar — às custas deles, talvez sobre seus cadáveres — a influência que já exercia em várias partes de Nova York, do Canadá e do sudoeste dos Estados Unidos. A recente promoção de seu filho, Bill, ao terceiro posto da hierarquia da organização também era vista com alarme e ceticismo por

alguns líderes de outras organizações, bem como por membros da própria organização Bonanno, que reunia cerca de trezentos homens no Brooklyn.

No mundo do crime, Bill Bonanno era visto mais ou menos como um tipo excêntrico, um privilegiado que havia estudado numa escola secundária e numa universidade particulares, cujas atitudes e métodos, embora não deixassem de revelar coragem, tinham alguma coisa do espírito rebelde de um ativista universitário. Parecia impaciente com o sistema, não se impressionando com as maneiras indiretas e a *finesse* do Velho Mundo que faziam parte da tradição da Máfia. Dizia o que pensava. Não mudava de tom ao se dirigir a um mafioso mais graduado e não perdia a autoconfiança juvenil nem mesmo quando usava o anacrônico dialeto siciliano que aprendera quando menino, com o avô, no Brooklyn. O fato de medir 1,88 metro, pesar mais de noventa quilos e ter uma postura ereta e raciocínio rápido aumentava bastante a impressão que causava com sua presença e conferia substância à alta opinião que fazia de si mesmo — a de que era igual ou melhor que qualquer um dos homens a que estava ligado, com a possível exceção de seu pai. Perto dele, Bill parecia perder um pouco de sua segurança, tornando-se mais calado, hesitante, como se o pai estivesse testando severamente cada uma de suas palavras e pensamentos. Parecia distante e formal em relação ao pai, não tomava mais liberdades do que teria com um estranho. Mas era também atento às necessidades do pai, parecendo ter muito prazer em agradá-lo. Era evidente que o pai lhe infundia muita admiração e respeito e, embora sem dúvida ele o tivesse temido quando criança (e talvez ainda temesse), também o adorava.

Durante as últimas semanas, em nenhum momento ele estivera longe de Joseph Bonanno, mas na noite anterior, sabendo que o pai queria jantar sozinho com seus advogados e dormir no apartamento de Maloney, Bill Bonanno passou uma noite tranquila no apartamento com Labruzzo, vendo televisão, lendo os jornais e esperando uma comunicação. Sem que soubesse exatamente por quê, estava meio nervoso. Talvez uma das razões fosse a matéria que lera no *Daily News*, segundo a qual a vida para os mafiosos estava cada vez mais perigosa e que o velho Bonanno planejava, pouco tempo atrás, o assassinato de dois chefes rivais, Carlo Gambino e Thomas (Brown Três-Dedos) Lucchese, plano que teria falhado porque um dos pistoleiros traiu Bonanno e avisou uma das vítimas. Mesmo que isso fosse pura invencionice, baseada talvez em conversas captadas pelo FBI entre subalternos da Máfia, Bill estava preocupado

com a publicidade dada ao assunto, pois sabia que aquilo poderia intensificar a suspeita que realmente existia entre as várias quadrilhas que controlavam a contravenção (jogos de azar, corretagem de apostas em cavalos, agiotagem, lenocínio, contrabando e venda de proteção). Poderia ainda despertar protestos de políticos, provocar uma vigilância mais rigorosa da polícia e resultar em maior número de intimações dos tribunais.

A intimação judicial era agora mais temida do que anteriormente no mundo da contravenção devido a uma nova lei federal segundo a qual um suspeito teria de depor quando chamado a fazê-lo, desde que o tribunal lhe concedesse imunidade, ou se arriscaria a uma condenação por desacato à justiça. Isso tornava imperativo que os homens da Máfia se mantivessem pouco visíveis para evitar intimações a cada vez que os jornais noticiavam alguma coisa. A nova lei também dificultava que os líderes da Máfia controlassem os passos de seus homens, pois, como tinham de ter muito cuidado, nem sempre estavam onde deveriam estar na hora marcada para cumprir alguma missão; muitas vezes não conseguiam receber, em cabines telefônicas designadas e em horários precisos, comunicações combinadas com seus chefes que desejavam saber como iam as coisas. Numa sociedade secreta em que a precisão era fundamental, o novo problema das comunicações estava acabando com os nervos já tensos de muitos chefes.

Mais progressista do que a maioria das outras “famílias”, devido aos métodos empresariais modernos adotados pelo jovem Bonanno, a organização Bonanno até certo ponto resolvera o problema de comunicação mediante um código de número de toques de campainha e também com a utilização de um serviço de recados telefônicos. A família Bonanno talvez fosse a única a usar esse tipo de serviço. O contrato fora feito em nome de um fictício sr. Baxter, codinome de Bill Bonanno, e estava ligado ao telefone da casa de uma tia solteira de um dos membros da organização, que mal falava inglês e era quase surda. Durante todo o dia vários membros chamavam o serviço e se identificavam por meio de codinomes, deixando mensagens cifradas com as quais confirmavam que estavam bem e que os negócios seguiam normalmente. Uma mensagem com a sigla IBM — “aconselho que você compre mais IBM” — significava que Frank Labruzzo, que já trabalhara para a IBM, estava entrando em contato. Se a mensagem falava em “monge”, identificava outro membro da organização, um homem de cabeça tonsurada que muitas vezes

ocultava sua identidade em público usando um hábito de frade. Qualquer referência a “vendedor” indicava um dos capitães de Bonanno que trabalhava também como vendedor de joias, e “flor” designava um pistoleiro cujo pai era florista na Sicília. “Sr. Boyd” era um membro cuja mãe morava na rua Boyd, em Long Island, e uma referência a “charuto” identificava certo membro que estava sempre com um charuto na boca. Joseph Bonanno era conhecido no serviço de recados como “sr. Shepherd”.

Frank Labruzzo tinha saído do apartamento que dividia com Bill Bonanno a fim de ligar para o serviço de recados de um telefone público nas vizinhanças, e também para comprar os vespertinos, para saber se havia acontecido alguma coisa de especial. Como de costume, saiu com seu cão, que ficava com eles no apartamento. Bill Bonanno tinha sugerido que todos os membros da organização que se achavam escondidos tivessem cachorros nos apartamentos. Embora no começo isso lhes tornasse difícil conseguir alojamentos, uma vez que alguns senhorios faziam objeção a animais, mais tarde os homens concordaram que um cão os tornava mais alertas a sons nos corredores, além de ser um companheiro útil quando tinham de sair — um homem com um cachorro despertava poucas suspeitas na rua.

Bonanno e Labruzzo gostavam de cães, o que era uma das muitas coisas que tinham em comum e contribuíam para viverem bem no pequeno apartamento. Frank Labruzzo era um homem calmo e bonachão de 53 anos, um tanto atarracado, que usava óculos e cujo cabelo escuro começava a branquear. Era membro graduado da organização de Joseph Bonanno, de quem era parente afim — a irmã de Labruzzo, Fay, era casada com Joseph Bonanno e mãe de Bill Bonanno; além disso, Labruzzo estava ligado ao sobrinho de uma maneira diferente do pai. Não havia entre os dois nenhuma tensão, nenhum problema de competição, de ciúme. Labruzzo, que não era movido por uma avassaladora ambição pessoal, nem era impetuoso como Joseph Bonanno ou inquieto como o filho, contentava-se com sua posição secundária no mundo, que via como um lugar muito maior do que qualquer um dos dois Bonanno parecia julgar que fosse.

Labruzzo tinha feito curso superior e se dedicara a várias ocupações, nenhuma por muito tempo. Além de trabalhar para a IBM, administrara uma loja, vendera apólices de seguro e fora agente funerário. Em certa época possuía, em sociedade com Joseph Bonanno, uma agência funerária no Brooklyn, per-

to do quarteirão onde nascera, no centro de um bairro em que milhares de sicilianos haviam se instalado no começo do século. Fora ali que o velho Bonanno cortejara Fay Labruzzo, filha de um próspero açougueiro que fabricara vinho durante a Lei Seca. O açougueiro orgulhou-se de ter Bonanno como genro, embora a data do casamento, em 1930, tivesse de ser adiada por treze meses devido a uma guerra entre centenas de sicilianos e outros italianos recém-chegados — entre os quais Bonanno — que davam continuidade a desavenças provincianas, transplantadas para os Estados Unidos, mas que tinham origem longínqua nas antigas aldeias montanhesas que só haviam abandonado fisicamente. Esses homens trouxeram para Nova York suas velhas rixas e costumes, suas amizades, medos e suspeitas tradicionais, e não só se consumiam nessas coisas como as transmitiam aos filhos e, às vezes, aos filhos dos filhos. E entre tais herdeiros havia homens como Frank Labruzzo e Bill Bonanno, que, em meados dos anos 1960, uma época de foguetes e viagens espaciais, travavam ainda uma guerra feudal.

Aos dois homens parecia absurdo e extraordinário que nunca tivessem conseguido escapar aos costumes estreitos do mundo de seus pais, tema que haviam discutido durante as muitas horas de confinamento, analisando-o em geral em tons de brincadeira e despreocupação, embora às vezes com tristeza e até amargura. “É, somos vendedores de rodas de carroças”, dissera Bonanno uma vez, suspirando, e Labruzzo concordara: eram homens modernos, mas perdidos no tempo, alimentando velhos rancores. Isso era estranho sobretudo no caso de Bill Bonanno: deixara o Brooklyn ainda muito jovem para estudar em internatos do Arizona, sendo criado fora da família, aprendendo a montar a cavalo e a ferrar gado, saindo com moças louras, filhas de fazendeiros; mais tarde, como estudante na Universidade do Arizona, comandara um pelotão de cadetes do ROTC que hasteava a bandeira americana a cada jogo de futebol, antes da execução do hino nacional. O fato de ter subitamente trocado o ambiente universitário pelo precário mundo de seu pai em Nova York devia-se a uma série de bizarras circunstâncias, talvez fora de seu controle, talvez não. Um passo importante para isso fora decerto seu casamento, em 1956, com Rosalie Profaci, uma bela morena de olhos escuros, sobrinha de Joseph Profaci, o importador milionário que era também membro da comissão nacional da Máfia.

Bill Bonanno conheceu Rosalie Profaci quando ela era ainda muito jovem e estudava com a irmã numa escola conventual no estado de Nova York. Na-

quela época tinha uma namorada no Arizona, uma moça americana descontraída e um tanto rebelde; embora Rosalie fosse atraente, era também recatada e reservada. Os dois encontraram-se muitas vezes, durante os meses de verão e nas férias, em grande parte por causa de seus pais, que eram amigos íntimos e cuja aprovação era expressada de maneiras sutis, sempre que Rosalie e Bill conversavam ou simplesmente sentavam-se um perto do outro em salas com muita gente. Numa grande reunião de família, meses antes do noivado, Joseph Bonanno levou sua filha Catherine, de 21 anos, para um canto e lhe perguntou o que pensava da possibilidade de Bill vir a se casar com Rosalie. Catherine Bonanno, uma moça de espírito independente, pensou um momento e respondeu que pessoalmente gostava muito de Rosalie, mas não julgava que ela fosse a moça indicada para Bill. Faltava-lhe a necessária firmeza de caráter para aceitar Bill como ele era e poderia vir a ser, disse, e estava prestes a dizer mais alguma coisa quando, de repente, sentiu um forte tapa no rosto. Caiu para trás atônita, perplexa, rompeu em lágrimas e saiu correndo. Nunca vira o pai tão furioso, com os olhos fuzilando daquela maneira. Mais tarde ele tentou consolá-la, desculpar-se a seu modo, mas ela se manteve distante durante dias, embora entendesse agora, como não tinha percebido antes, o desejo do pai de que o casamento se realizasse. Era um desejo compartilhado pelo pai e pelo tio de Rosalie. E se concretizaria no ano seguinte, um acontecimento que Catherine Bonanno sempre encararia como um casamento arranjado pelos pais.

A cerimônia, em 18 de agosto de 1956, foi espetacular. Mais de 3 mil convidados compareceram à recepção na sala de baile do Hotel Astor, em Nova York, depois da cerimônia religiosa no Brooklyn, e nenhuma despesa foi poupada para abrilhantar a ocasião. Para o baile foram contratadas orquestras de fama e artistas como os Four Lads e Tony Bennett. Um distribuidor de bebidas do Brooklyn mandou de presente um caminhão de champanhe e vinho; vieram da Califórnia, pela Pan American, milhares de margaridas, a flor predileta de Rosalie e que na época não havia em Nova York. Além de homens de negócios convencionais, políticos e religiosos, a lista de convidados incluía todos os chefes da contravenção. Lá estavam Vito Genovese e Frank Costello, que pediram e receberam mesas discretas junto à parede. Lá estava Albert Anastasia (que no ano seguinte seria assassinado na barbearia do Hotel Park-Sheraton), bem como Joseph Barbara, cuja recepção para quase setenta